

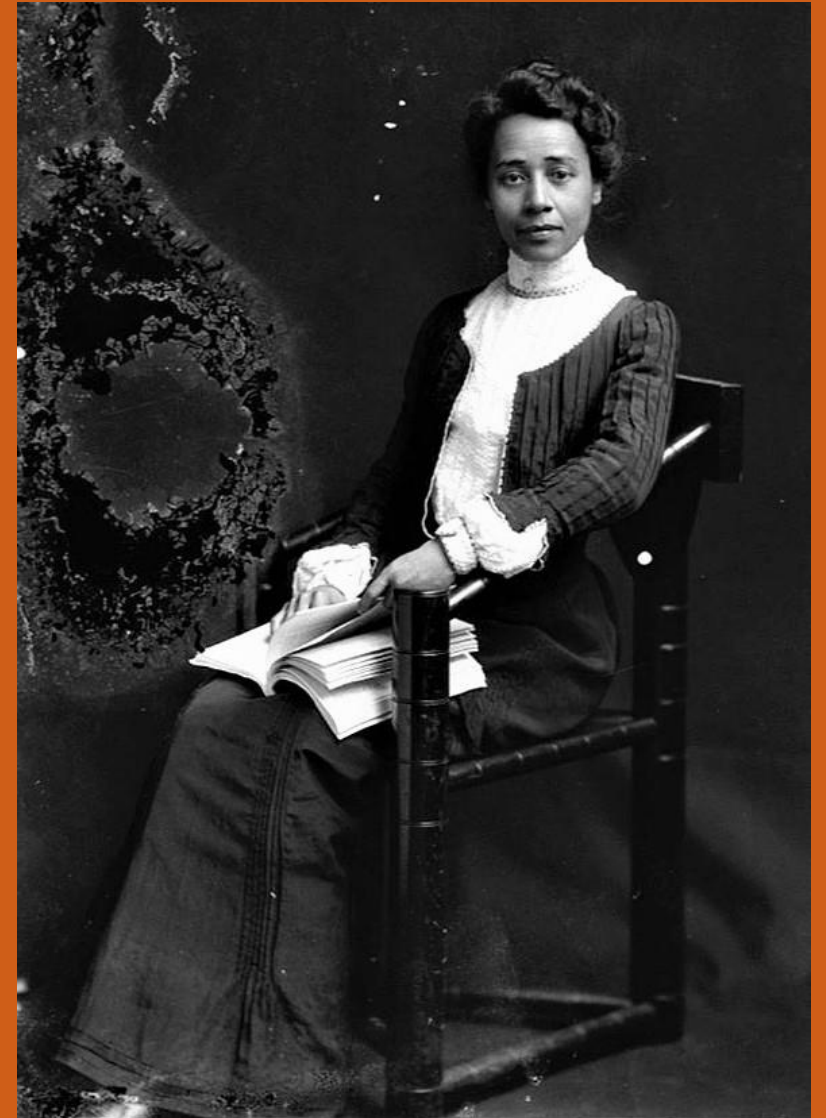
SEMINÁRIO TEMÁTICO

Mulheres na Teoria Social: Anna Julia Cooper

com Cátia Maringolo (UFMG) e

Flávia Rios (UFF)

12.08 às 18h, no canal da ANPOCS 



De toda forma, assim como nossos advogados caucasianos não podem ser culpados por não conseguirem *muito bem* se colocar no lugar do homem negro, também não se deve esperar que o homem negro consiga reproduzir completa e adequadamente a exata Voz da Mulher Negra. (COOPER, 1892, p. 05, tradução nossa)

At any rate, as our Caucasian barristers are not to blame if they cannot *quite* put themselves in the dark man's place, neither should the dark man be wholly expected fully and adequately to reproduce the exact Voice of the Black Woman. (COOPER, 1892, p. 05)

Anna Julia Cooper



1



2

3

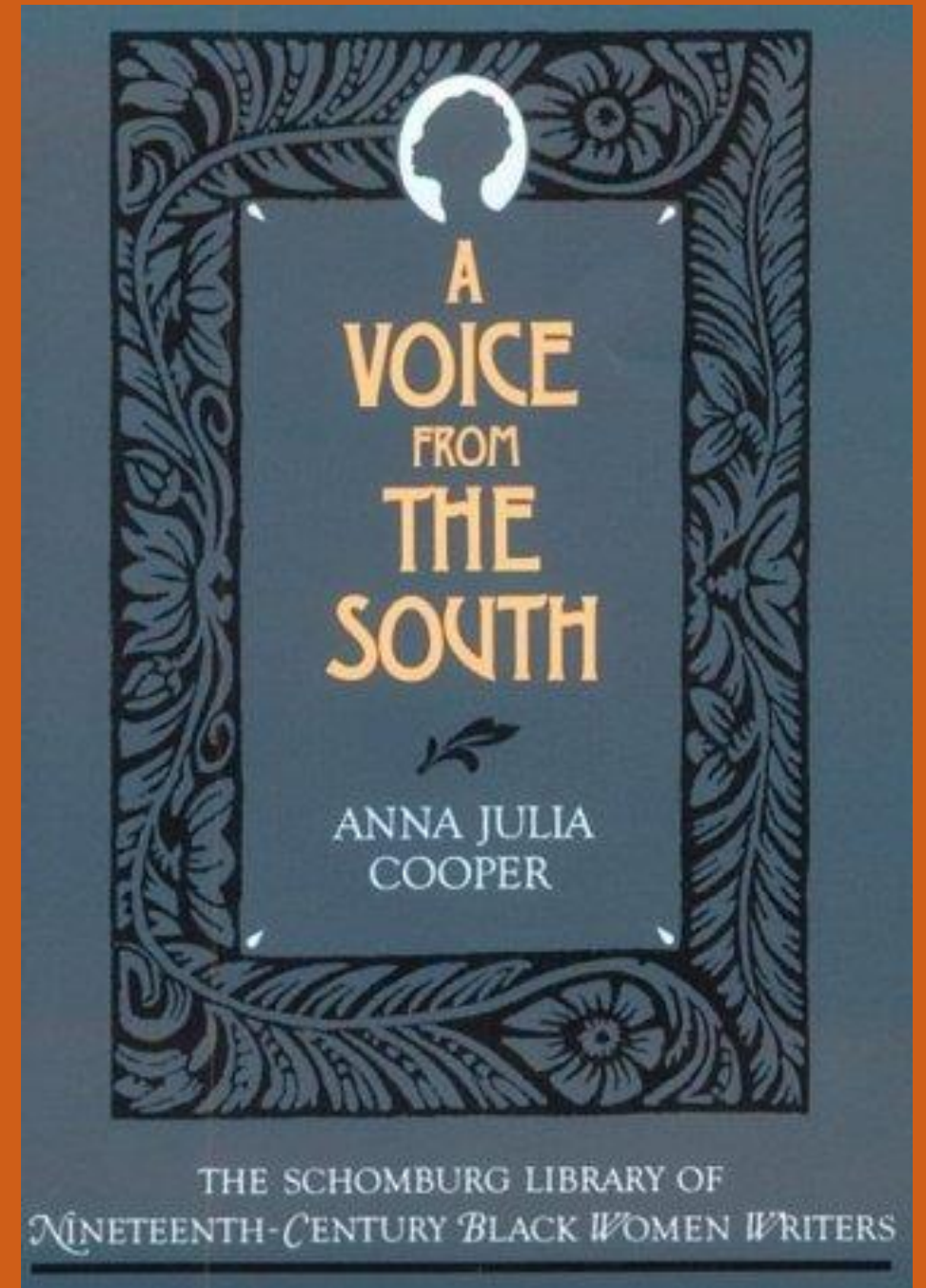


M Street High School (Washington, DC)



A Voice from the South (1892)

Tese de doutorado defendida em 1925, intitulada *L'attitude de la France à l'égard l'esclavage pendant la Revolution* [A atitude da França com relação à escravização durante a revolução].



**Ponto de vista (*standpoint*, COLLINS, 2002)
Interseccionalidade: como ferramenta analítica
Aprendendo com a *outsider within* (COLLINS)**

Somente a MULHER NEGRA pode dizer: “quando e onde eu entro na dignidade tranquila e incontestável da minha condição de mulher, sem violência e sem paternalismo, aí sim toda a raça negra entra comigo’.” (COOPER, 1892, p. 32, tradução nossa).

Eu irei implorar [...] para adicionar meu apelo em favor das *Meninas Negras do Sul* — essa grande, brilhante e promissora classe fatalmente bela que está tremendo como uma delicada plântula perante à fúria de elementos tempestuosos, tão cheia de promessas e possibilidades, **porém tão segura da destruição**; frequentemente sem um pai a quem ousem aplicar o termo amoroso, muitas vezes sem um irmão mais forte para abraçar sua causa e defender sua honra com o sangue de sua vida; no meio de armadilhas e ciladas, emboscadas pelas classes mais baixas de homens brancos; sem abrigo, sem proteção além da grande abóboda celeste [...] **Oh, salvem-nas, ajudem-nas, protejam-nas, treinem-nas, desenvolvam-nas, ensinem-nas, inspirem-nas!** [...] Há material nelas de bom valor, a esperança em um germe de firme, útil e regeneradora condição de mulher, que, principalmente, repousa sobre as pedras fundamentais de nosso futuro como uma raça. (COOPER, 1892, p. 24-25, tradução nossa, grifos nosso)

Crítica da razão negra (MBEMBE, 2014)
Necropolítica
Cientificismo e racismo – teorias racializadas

Se possível, uma Mulher Negra do Sul pediria para apontar **duas possíveis omissões nesse trabalho** sulista que pode indicar em parte tanto a causa quanto a solução de algumas falhas. O primeiro é não levar em consideração em suas concepções as necessidades de seu povo. Quando as pessoas negras foram empregadas foi muito frequentemente como máquinas ou manequins. Não havia nenhuma disposição, em geral, em apreender o ideal do homem negro ou permitir que sua individualidade trabalhasse por sua própria força, como se fosse [...] bem vindo a tomar parte em suas deliberações. Seus aparelhos/dispositivos reparadores são puramente teóricos ou empíricos, portanto, e a maquinaria é percebida como por completo destituída de alma. A segunda e importante omissão a meu ver está estreitamente alinhada a isso e provavelmente se expande a partir disso, e que é o não desenvolvimento da condição da mulher negra como essencial para a elevação da raça, e ao fazer uso desse agenciamento ao estender o trabalho da Igreja. (COOPER, 1982, p. 36, tradução nossa)

Nós somos os herdeiros de um passado que não foi moldado por nossos pais. “Todo homem é um juiz de seu próprio destino” não foi verdade para o Homem Negro do passado: e não é sua culpa que ele se encontro atualmente como herdeiro de uma condição de homem e uma condição de mulher (*manhood* e *womanhood*) empobrecida e rebaixada por dois séculos de opressão e degradação. Mas a fraqueza e má-formação (incapacidade/vícios), que hoje em dia são atribuídas a um professor corrupto/desumano e a um sistema pernicioso, serão de aqui um século ser possivelmente consideradas como provas de uma corrupção inata e incurabilidade radical. (COOPER, 1982, p. 28)

Educação como prática transgressora (bell hooks)

Existe algo que nos encoraja e nos inspira no avanço (na elevação) dos indivíduos desde sua emancipação da escravização. Pelo menos prova que não há irrevogavelmente errado no formato do crânio do homem negro, e que sob dadas circunstâncias seu desenvolvimento, descendente ou ascendente, será similar aquele de outros seres humanos comuns (COOPER, 1892, p. 26, tradução nossa)

Como forjar uma condição de mulher negra no pós-abolição?
Os Códigos negros – Jim Crow
Leis de segregação
***E eu não sou uma mulher?* – Sojourner Truth**

Eu asseguro que o desenvolvimento intelectual, com a autoconfiança e a capacidade para garantir o sustento que dele advêm, torna a mulher menos dependente da relação matrimonial para o seu sustento físico (que, aliás, nem sempre é garantido pelo casamento). Ela também não é mais compelida a olhar para o amor sexual como a única sensação capaz de lhe dar tom e apreço, movimento e vigor à sua vida. Seu horizonte é expandido. Sua compreensão do outro é ampliada, aprofundada e multiplicada. Ela está em contato mais direto com a natureza. [...] (COOPER, 1892, p. 68-69, tradução nossa)

Eu garanto a você que o desenvolvimento intelectual, com a autossuficiência e a capacidade de garantir o sustento que isso permite, torna a mulher menos dependente na relação matrimonial por apoio físico (o que, a propósito, nem sempre vem está acompanhado disso) (COOPER, 1982, p. 68)

**Universalidade e objetividade
Humanidade
Futuro?**

Cooper aponta que “a mente filosófica enxerga seus próprios ‘direitos’ [como] os direitos da humanidade” (1892, p. 118, tradução nossa), enfatizando que o “fundamento da liberdade não é o fundamento da raça ou uma seita, um partido ou uma classe — é um fundamento do ser humano, o próprio direito inato da humanidade” (COOPER, 1892, p. 120-121, tradução nossa), defendendo o pluralismo, a representação democrática e que todas as pessoas que compõem a nação deveriam ter acesso ao debate político e público.

Literatura negra

O que eu espero ver antes de morrer é o homem negro de maneira honesta e elogiosa representando tanto o Negro como ele é, e o homem branco, finalmente, como visto pelo ponto de vista do Negro. Existe um antigo provérbio “O demônio é sempre pintado como negro – por pintores brancos”. E o que é necessário, talvez, para reverter essa imagem do nobre homem matando o leão, seja para o leão se tornar um pintor. (COOPER, 1982, p. 225, tradução nossa).

Referências – Imagens

1. Dr. Anna Julia Cooper – Public domain. (Disponível em: <https://s-usih.org/2017/02/a-womans-work-presidents-day-anew/>. Acesso em: 11 ago. 2021)
2. . Dr. Anna Julia Cooper – Public domain (Disponível e: <https://womanisrational.uchicago.edu/2020/12/08/anna-julia-cooper/>. Acesso em: 11 ago. 2021)
3. Dr. Anna Julia Cooper - Public domain image (Disponível em: <https://www.blackpast.org/african-american-history/cooper-anna-julia-haywood-1858-1964/>. Acesso em: 11 ago. 2021)

Referências bibliográficas

COOPER, A. J. The Ethics of the Negro question speech. **Manuscripts and Adresses**. 19. Disponível em: https://dh.howard.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com/&httpsredir=1&article=1018&context=ajc_addresses. Acesso em: 08 nov. 2020.

COOPER, A. J. **A voice from the South**. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1988 [1892]

COLLINS, P. H. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 2002.

_____. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. IN: **Revista Sociedade & estado**. vol. 31, n.1, p. 99-127, 2016. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

_____. **Interseccionalidade**: as critical theory. Durham and London: Duke University Press, 2019.

FIGUEIREDO, A. Somente um ponto de vista. **Cadernos Pagus**, v. 51, p. 01 -09, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510017.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

Referências bibliográficas

GATES Jr., H. L. Foreword. In her own write. In: COOPER, A. J. **The Voice**. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1988, p. vii – xxii.

GINES, K. T. Anna Julia Cooper. In: ZALTA, E. N (ed.) **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2015/entries/anna-julia-cooper>. Acesso em: 15 dez. 2020.

MAY, V. M. **Anna Julia Cooper, visionary Black feminist**. A critical introduction. New York, Routledge, 2007.

_____. “It’s never a question of the slaves”: Anna Julia Cooper’s challenge to history’s silences in her 1925 Sorbonne thesis. In: **Callaloo**, vol. 31, n. 03, p. 903-918, June 2018.

_____. “Anna Julia Cooper (1858-1964): Black feminist scholar, educator, and activist”. In: **North Carolina Women: Their lives and times**. Georgia: University of Georgia Press, 2014, p. 192-212)

MBEMBE, A. The power of the archive and its limits. Tradução de Judith Inggs. In:

Referências bibliográficas

HOOKS, B. **Ain't I a Woman: Black Women and Feminism**. Boston: South end Press, 1981.

_____. **Talking back: thinking black, thinking feminist**. Boston: South End Press, 1981.

_____. **Ensinando a transgredir**. A educação como prática de liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MBEMBE, A. Necropolitics. Tradução de Libby Meintjes. **Public Culture**. v. 15, n. 01, p. 11-40, 2003. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/39984>. Acesso em: 18 set. 2018.

_____. **Crítica da razão negra**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

_____. Necropolítica. **Arte & Ensaios**. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ. n. 32, p. 123 – 151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 18 set. 2018.

Referências bibliográficas

SPILLER, H. J. A hateful passion, a lost love. In: **Feminist Studies**, vol. 9, n. 02, p. 293-323. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3177494> . Acesso em: 15 jun. 2014.

XAVIER, G. Esculpindo a “Nova Mulher Negra”: feminilidade e respeitabilidade nos escritos de algumas representantes da raça nos EUA (1895-1904). **Caderno Pagu**. n. 40, p. 255-287, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332013000100008>. Acesso: 10 nov. 2020.